

## EDITORIAL

Em 22 de outubro passado, como anunciado no Editorial do Boletim 28 e, de acordo com convocação enviada através da internet ou por correio normal, realizou-se a Assembléia Geral dos associados do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira para eleição da nova diretoria. Devido às características do Ceib e distribuição geográfica de seus associados, o comparecimento foi pequeno, mas chegaram, também, votos pelo correio. Houve a inscrição de apenas uma chapa, que foi eleita pela unanimidade dos votos.

A nova diretoria está, portanto, assim composta: presidente de honra: Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira; presidente: Beatriz Coelho; vice-presidente: Marco Elizio de Paiva; 1ª secretária: Ieda Faria Hadad Viana; 2ª secretária: Moema Nascimento Queiroz; 1º tesoureiro: Mário Anacleto Sousa Júnior e 2ª tesoureira: Carolina M. Proença Nardi

Myriam e Marco Elizio são professores de história da arte e os demais, especialistas em conservação/restauração. Todos os membros da diretoria residem em Belo Horizonte, o que permite uma boa articulação, facilitando o comparecimento às reuniões. A nova diretoria pretende realizar um bom trabalho em prol das pesquisas e divulgação dos estudos sobre a imaginária religiosa. Helena David e Maria Regina Emery Quites continuarão a prestar seus relevantes serviços como colaboradoras no **Boletim do CEIB**, no próximo congresso e na revista Imagem Brasileira 3.

O **Boletim do Ceib** está aberto para receber e publicar artigos e informações que podem ser enviadas por seus associados, desde que o tema esteja de acordo com as finalidades do Ceib: a imaginária religiosa e assuntos correlatos, como pinturas e retábulos.

Pedimos aos associados que atualizem seus dados de endereço eletrônico para facilitar a comunicação.

A nova diretoria deseja a cada um dos associados do Ceib e a suas famílias um bom Natal e um ano novo cheio paz e alegrias.



## IGNACE VANDEVIVERE - VDV

1938 - 2004

### HOMENAGEM AO AMIGO E MESTRE

**E**ste número 29 do **Boletim do Ceib** está dedicado a um grande professor de história da arte e, sobretudo, a uma pessoa humana extraordinária. Trata-se do professor belga, Ignace Vandevivere, que faleceu no dia 6 de julho deste ano, depois de muita luta contra o câncer.

Vandevivere nasceu em Ypres, Bélgica, no dia 26 de novembro de 1938. Passou parte de sua infância na África, no Congo Belga e, provavelmente por isso, amava o tema do encontro de culturas que veio a desenvolver no Museu de Louvain-la-Neuve, criado por ele e seus amigos Bernard Van den Driessche e Jazeps Trizna em 1979.

Vandevivere voltou para a Bélgica em 1947. Recebeu influência de Paul Coremans, que o encorajou a estudar o aspecto material das coisas e o levou para o Instituto do Patrimônio Artístico, do qual Coremans era o diretor na época. Ignace foi o professor responsável pela seção de História da Arte na Universidade Católica

de Louvain-la-Neuve. Nessa condição, ensinou e orientou, durante muitos anos, teses de Licenciatura e de Doutorado nessa Universidade. Atendendo a uma solicitação nossa, vários de seus ex-orientandos escreveram sobre seu amigo e orientador: Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, Marcos César de Senna Hill e Agnès Le Gac, sócios titulares do Ceib, e Michel Lefftz, nosso antigo colaborador.

Através desses depoimentos, podemos conhecer os aspectos mais significativos da personalidade de VDV, como era chamado por seus alunos, e usufruir de sua maneira de ensinar a “ver” as obras de arte.

Acreditamos que esses ensinamentos possam servir a todos nós, mesmo àqueles que não o conheceram.

**Obs.:** Alguns dados desse texto se basearam em dois artigos de Roger Pierre Turine: *La Libre Belgique* <http://www.lalibre.be/article>. 01/07/2004 e *Portrait – Choc des Cultures* s/l e s/d.

Foto: Helena David



Ignace Vandevivere, Beatriz Coelho e Myriam Ribeiro  
I Congresso do Ceib, Mariana, Minas Gerais, 1998

## UMA LIÇÃO FUNDAMENTAL

Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira \*

Quando comecei meu curso de História da Arte em Louvain-la-Neuve em 1965, Ignace Vandevivere acabava de ser contratado como assistente do eminente professor Jacques Lavalleye, de grande prestígio no meio acadêmico belga de então. Titular da seção “Temps modernes”, relativa aos séculos XVI, XVII e XVIII, Lavalleye seria o orientador oficial de minha dissertação de mestrado sobre os Passos do Aleijadinho. Na prática, entretanto, o acompanhamento da mesma acabou sendo feito por seu jovem assistente.

A princípio encarei com desconfiança o professor iniciante, mais velho do que eu apenas cinco anos. Detalhista e exigente, Vandevivere, me fazia corrigir inúmeras vezes os textos de análise das

obras, a partir de novos aspectos que ele não parava de descobrir nas fotografias que eu lhe mostrava. Fui assim aos poucos “aprendendo a olhar”, lição primeira do legado desse mestre, para o qual a história da arte, “domínio próprio do visível” como ele dizia, pressupunha antes de tudo a “educação do olhar”.

Essa lição fundamental me acompanhou por toda a vida, determinando uma das posturas básicas de minha prática profissional, tanto no ensino quanto na pesquisa. Mas não posso deixar de mencionar outra lição, cujo aprendizado foi bem mais complicado. Tendo eu tido a infeliz idéia de incluir o Cristo Flagelado do Museu da Inconfidência na série de slides apresentada no dia da defesa, interrompeu-me de forma abrupta.

Aquela obra nada tinha a ver com as demais do Aleijadinho, como é que eu não notara a diferença? E respondendo ao argumento da atribuição ter sido estabelecida pelos maiores especialistas do artista, incluindo o próprio Germain Bazin foi ainda mais categórico. De nada teriam adiantado meus estudos em Louvain, se eu não aprendera a base de qualquer estudo científico: argumentos de autoridade não podem ser invocados, viessem de onde viessem. O importante era formar (e aplicar) o próprio senso crítico.

Depois deste batismo de fogo minhas relações com o professor exigente se normalizaram, e o processo do doutorado seria bem mais fácil. Ignace acabou se tornando um amigo pessoal, uma amizade que não cessou de se fortalecer ao longo dos anos. Mas nunca deixei de considerá-lo o Mestre por excelência, para o qual o ato de ensinar era tão natural como viver e respirar.

\* Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira é brasileira, foi idealizadora do Ceib, sua primeira presidente e sua vice-presidente de 1998 a 2004. Fez graduação, mestrado e doutorado em História da Arte em Louvain-la-Neuve, tendo sido orientada pelo professor Ignace Vandevivere. É professora titular de História da Arte na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e acaba de ser eleita Presidente de Honra do Ceib.



Beatriz Coelho e Myriam Ribeiro  
retratadas por Ignace Vandevivere  
I Congresso do Ceib, Mariana, 1998

## LIÇÕES DE HUMOR PELA VIDA A FORA

Marcos César de Senna Hill \*

**O** tempo e a distância são implacáveis com qualquer tipo de vida. Mas a memória permanece como estratégia de resistência, se alimentada pelo afeto e pela solidariedade.

Neste ano de 2004, algo mudou definitivamente na minha relação com Ignace Vandevivere. Já afastados há alguns anos pelo imenso oceano Atlântico e permitindo-me que a agitação cotidiana adiasse qualquer outro tipo de contato, mantinha acesa a esperança de reencontrá-lo para juntos tomarmos um bom café "belga" em qualquer canto estudantil de Louvain-la-Neuve.

Houve épocas em que fizemos isso com uma certa frequência, ele com o inseparável cachecol fúcsia e com seu permanente quase-sorriso, me instigando a relativizar qualquer gravidade da existência.

Foram anos de convivência entre mestre e discípulo em que a atenção de

Vandevivere para comigo ultrapassou em muito a mera responsabilidade da transmissão dos conhecimentos escritos. Eu carecia bastante deles, mas, ao final de cada encontro com meu mestre, saía com a sensação de ter recebido informações indizíveis, invisíveis, inapreensíveis. Informações que estimulavam minha consciência sobre como estar no mundo.

Hoje o mestre VDV já não está e, concretamente, não tomaremos mais café juntos. Mas guardarei com carinho sua alegria de ir almoçar numa pensão caseira após ter-se deixado guiar para dentro da mina de Chico-Rei e para o alto do cruzeiro de Santa Ifigênia. Posso

agora reconhecer que, nesse percurso, vivenciamos despreocupadamente possibilidades simbólicas que nos concernem a todos.

E além de tantas lições incorporadas, uma ficará como um especial desafio: a de, em meio as agruras da vida, não esquecer de alimentar minhas horas diárias com bastante humor, transformando o riso em um direito à inteligência.

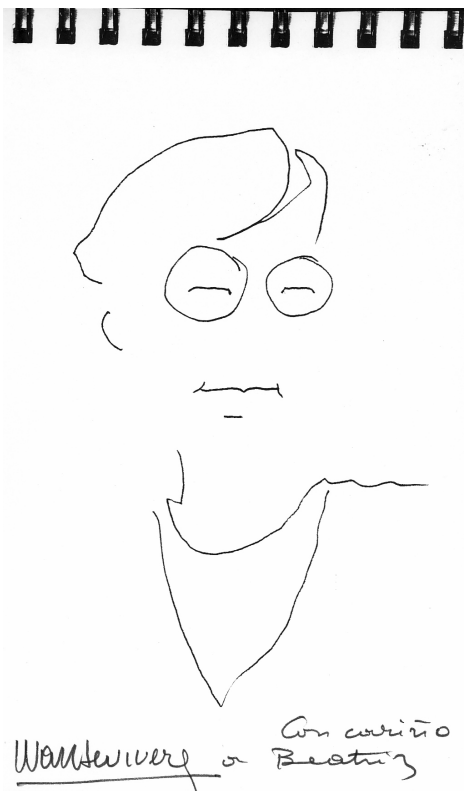
**À bientôt, mon cher maître!**

\* *Marcos Hill é brasileiro, especialista em Conservação/Restauração. Fez mestrado e obteve os créditos de doutorado em História da Arte em Louvain-la-Neuve, tendo sido orientado pelo professor Ignace Vandevivere. É artista plástico e professor de História da Arte na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.*

Foto: Beatriz Coelho



Miguel Angel Zalama e Ignace Vandevivere  
I Congresso do Ceib, Mariana, Minas Gerais, 1998



Beatriz Coelho  
retratada por Ignace Vandevivere  
I Congresso do Ceib, Mariana, 1998

Foto: Helena David



Ignace Vandevivere e Michel Lefftz  
I Congresso do Ceib, Mariana, Minas Gerais, 1998

## MONTANHAS QUE O MESTRE AJUDOU A ESCALAR

Michel Lefftz \*

Tradução de Lúcia Lopes Ribeiro

Há muito tempo, a luz suave de uma manhã de outono acariciava os relevos de uma fileira de pedras funerárias erguidas num cemitério de uma cidadezinha da Bélgica. Meu mestre me convidara para acompanhá-lo a fim de preparar um estudo sobre o patrimônio escultural da pequena paróquia. À luz ideal daquela manhã, ele me mostrava como reconhecer o trabalho esculpido no século XVI de outros relevos do século XIV. *Observe as dobras em cascata*, me dizia. Apertando os olhos e seguindo suas indicações comecei a ver.

Desde então, não deixei de investigar, de fotografar, de comparar. A acuidade do olhar se aperfeiçoando, uma pergunta me atormentava: como expressar com palavras o que o olhar reconhecia como semelhante? Sem a formulação verbal, a transmissão dos conhecimentos é quase impossível. A sutileza da observação traduzida em uma linguagem rica e cheia de matizes, eis as qualidades que distinguiam o mestre.

A partir deste dia de outono e durante cerca de vinte anos, ele muitas vezes me convidou a acompanhá-lo em suas viagens de estudo. Amava impregnar-se das cidades aonde chegávamos, à noite, se possível, para que as coisas se desvendassem progressivamente. Pela manhã, contemplávamos os lugares transformados pela luz natural, cujas nuanças infinitas ele sabia apreciar. Aos

seus olhos, a paisagem, os hábitos ou a alimentação local constituía um estojo para o patrimônio que viéramos estudar. Este “em torno” podia sugerir um ponto de vista sobre o objeto de nosso estudo. Dele também dependia a qualidade da nossa percepção e do sentido que poderíamos finalmente tentar conferir às obras. Esse processo era também adotado por ele em suas relações com as pessoas. Interessava-se pelo “jardim secreto” do seu interlocutor, por suas qualidades profissionais, fixando seus traços no seu caderno de esboços. Como verdadeiro esteta, sabia apreciar toda sorte de harmonias, fugidias ou duráveis. Jamais deixava de saborear os alimentos locais e de tentar descobrir os segredos de sua elaboração. Como conhecedor, apaixonava-se pelas curiosidades do mundo, fossem elas técnicas ou artísticas, engraçadas ou trágicas. Cada vez que a ocasião se apresentava, ele mergulhava na paisagem escapando furtivamente.

*Bruegel era para ele uma fonte viva desta sabedoria que une o sábio ao camponês quando eles têm o sentido desta humanidade perdida na vasta natureza que eles tentam compreender e que eles contemplam*, dizia de seu mestre, Jacques Lavalleye, do qual herdara grande parte do seu conhecimento intelectual. Essa abordagem do grande pintor deve ser relacionada com sua concepção humanista das instituições. *Elas são feitas dos homens que a compõem*

gostava de repetir aquele que tinha a rara consciência de ser um elo de uma corrente histórica que ele acreditava ser seu dever prolongar. Este foi o motivo dele ter investido tanto na transmissão do saber. No final de sua vida, antes que a doença o abatesse, evocando o passado, ele dizia: *no que eu creio ter tido sucesso em minha vida, foi no papel de formador*. Pouco tempo antes de sua morte, fazendo parte da banca de uma defesa de doutorado, felicitou efusivamente o estudante por ter conseguido escalar uma montanha, símbolo de todas as dificuldades. Cada um dos seus alunos poderia sem dúvida evocar ao menos uma montanha que o mestre ajudou a escalar para alcançar o cume e contemplar o mundo com um pouco mais de humanidade.

\* Michel Lefftz é belga, doutor em História da Arte pela Universidade de Louvain-la-Neuve, tendo sido orientado no doutorado por Ignace Vandevivere. Foi seu assistente por muitos anos. É conselheiro e especialista em multimídia no Institut de Pédagogie Universitaire et des Multimédias (IPM), na Bélgica. Veio com Vandevivere ao I Congresso do Ceib, em Mariana, em 1998, tendo sido convidado como conferencista para o III Congresso, quando, lamentavelmente não pôde comparecer.



Maria Regina Emery Quites  
retratada por Ignace Vandevivere  
I Congresso do Ceib, Mariana, 1998

## COM INDIZÍVEL AFETO

Agnès Le Gac \*

Muitas vezes, apenas nos damos conta do que tínhamos depois de o perdermos. Mas por minha sorte, sempre pressenti, na própria hora, quanto os ensinamentos do Ignace, professor e coordenador da minha tese de Licenciatura em Louvain-La-Neuve, me alimentavam para uma vida inteira. Sempre reconheci nele o «Mestre», cuja sabedoria era um porto seguro onde lançar a âncora e sair depois mais aventureira. Acredito que hoje sei velejar, porque Ignace armou para mim uma robusta caravela para ir às descobertas:

Formou o meu olhar sobre as obras (até se pôr de cócoras ou deitado no chão para ver melhor, primeiro com os olhos do rosto, depois com os olhos da

inteligência), sensibilizou-me aos indícios físicos, sócio-econômicos, ideológicos ou conceptuais que encerram as produções artísticas e as técnicas que lhes dão visibilidade, fez-me viver a museologia em todas as suas facetas, nos seus bastidores, tornou palpável a dimensão abstrata da conservação do patrimônio e os seus limites, mas tornou, sobretudo visível a «reapropriação» deste mesmo patrimônio por qualquer leigo, seja qual for a sua idade, a sua condição ou as suas crenças.

Que mais poderia eu desejar, que ensino a conservação e restauro de bens culturais móveis, onde a ciência da história de arte e a ciência dos materiais ocupam um lugar de particular relevância na sua compreensão e divulgação?

Aspiro ainda hoje a reencontrar essa

pedagogia dele, ímpar, que sabia articular com gênio a teoria e a prática, as aulas em anfiteatro e as actividades no terreno (onde o «seu» museu se tornou meu lugar de predilecção). Proporcionava ao estudante como ao público em geral experiências incríveis, centradas nos fenômenos de percepção (visual, táctil e auditiva – uma exposição de objectos destinada aos cegos marcou este ponto culminante), onde a percepção era multiplicada pela abordagem cinestésica do espectador e pela abordagem das relações que os objectos entretêm com o espaço (distância, luz, volume, ambiente sonoro, cheiros). Essas experiências dos meus 22 anos interpelam-me ainda, quanto mais que no estudo de patrimônios do passado, esses fatores podem ser efêmeros. Enfim, Ignace sabia tanto se concentrar com o maior rigor num detalhe muito concreto de uma obra, como se entregar a esta recreação mental e lúdica, para não dizer delirante, de um universo longínquo.

Uma recordação resume talvez a qualidade desta aprendizagem, que visava dentro do conceito de fenomenologia, integrar, num determinado contexto, variadíssimos dados para entender como se conjugam sempre numa realidade singular: foi com o Ignace que eu vi, numa visita de estudo ao *Musée de la Sculpture en plein air* («Museu da Escultura ao relento»), em Antuérpia, debaixo de uma chuva fina e persistente que cochichava no ar, a escultura opulenta de Maillol intitulada «A Ribeira», brilhante de umidade, com os cabelos escorrendo água e o nariz pingando, indolente e plácida, fazendo corpo com a natureza... Compreender-se-á facilmente que é ao Ignace que devo o meu gosto apaixonado pela temática da cenografia, que toca qualquer obra, seja qual for o seu lugar de exposição.

Compreender-se-á também que eu tenha escolhido, em janeiro de 2003 e com um carinho muito especial, o Ignace como orientador da minha tese de doutoramento, subordinada ao tema de esculturas seiscentistas produzidas em Portugal. Foi por esta altura que adoeceu. Caminhávamos juntos a esmo na distância, falando coisas da vida, das mais pragmáticas às mais sombrias, mas sempre com os acentos de grande relatividade que o Ignace imprimia nessas partilhas.

Foto: Helena David



Maria Regina Emery Quites, Silvia Feliciano, Beatriz Coelho e Ignace Vandevivere  
Congonhas, Minas Gerais  
I Congresso do Ceib, 1998

Cheguei a ver o Ignace em Bruxelas, no seu domicílio, no dia 22 de junho, pouco antes da sua morte. Recusou ser internado num hospital, querendo morrer dignamente na sua casa, rodeado pelo seu jardim, cuja luxúria vegetal parecia invadir o modesto refúgio de dois andares e transformá-lo na cabana africana de um *paqueiro* (barqueiro) em que o Ignace sempre sonhou ter o último suspiro. Deus fez lhe a vontade, mas também tornou para mim mais aguda a consciência de quanto o Ignace foi efectivamente um *paqueiro* em toda a sua vida, passando da sua margem para outras, num vai-e-vem marcado pelo respeito e pela serenidade, o que tinha de mais nobre e de mais humano.

\* *Agnès Le Gac é francesa e fez em Paris a formação universitária em Conservação e Restauro do Património Móvel, e o mestrado em Ciência e Técnicas para a Conservação de Bens Culturais. Formou-se simultaneamente em História de Arte, tendo uma "Licence Spéciale Belge" em Arte e Arqueologia, na Universidade Católica de Louvain-La-Neuve, cuja tese foi orientada pelo Prof. Ignace Vandevivere. Tem, também, um "DEA-Diploma de Estudos Aprofundados" em História de Arte, no Instituto Superior de Arte Michelet em Paris. É professora assistente na Universidade Nova de Lisboa, aonde está terminando o seu doutorado.*

~~~~~

## LEMBRANÇAS

Helena David \*

Q uer ler os textos escritos pelos amigos para homenagear VDV, daqui de longe, não pude deixar de, com os olhos marejados, ter vontade de deixar registrado os momentos mágicos passados em sua vinda ao Brasil, para o I Congresso do Ceib, em Mariana, em 1998.

Lembrei-me de como foram poucas as boas horas na companhia de tão encantadora pessoa. Da palestra longa e entusiasta sobre escultura na Bélgica, dos comentários sábios a respeito do cenário de Congonhas e seus profetas, do passeio à fazenda de sua discípula e amiga Myriam em Entre Rios de Minas e, para meu deleite, no último momento, Lapa Vermelha, com suas paredes pintadas de pré-história.

Mistura de línguas e sinais numa mesa de bar, com direito a caipirinhas, e risadas que alcançaram lágrimas.

Em meio às nossas tão mineiras montanhas, caminhada noturna por jardins de orquídeas, cheiros e sons. Banho de cachoeira em águas frias de setembro, sorridente de lápis e caderno a postos... desenhos... aquarelas...

Sonhei em sentar em seu jardim para rir e conversar durante horas...

É assim que vou me lembrar do amigo que não cheguei a ter...

\* *Helena David é especialista em Conservação/Restauro, mestre em Artes Visuais/Conservação e doutoranda de Conservação do Património Cultural, na Universidade Politécnica de Valência, Espanha. É sócia do Ceib e membro da comissão editorial do Boletim.*

## DOAÇÕES

O Ceib recebeu e agradece:

A **Fernando Bartolomé Garcia**, professor de História da Arte em Álava, na Espanha, e conferencista convidado do III Congresso do Ceib, a bela publicação, em dois volumes: **Erretaulak, Retablo-Euskadi** de Pedro Luis Echeverría Goñi, Ana Rosa Alvarez Ruiz e colaboradores, entre eles o professor Fernando Bartolomé. Essa edição faz parte dos catálogos do Centro de Património Cultural Vasco, e foi publicada em 2001 pelo *Eusko Jaurauritzaren Argitalpen Zerbitzu Nagusia* que é o Serviço Central de Publicações do Governo Vasco. Essa publicação chegou ao Ceib através de Mário Anacleto Sousa Júnior, que participou recentemente de um congresso na Espanha;

Ao senhor **José António Falcão**, diretor do Museu da Diocese de Beja, Portugal, e sócio titular do Ceib, a publicação, em três volumes

**“As Formas do Espírito: Arte Sacra da Diocese de Beja.”** Essa publicação é o resultado de exposição realizada sob o alto patrocínio de Sua Excelência, o Senhor Presidente da República de Portugal e da Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja, e foi publicada, em 2003, pelo Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja. Essa publicação foi trazida gentilmente de Portugal pela senhora Agnès Le Gac, também sócia titular do Ceib;

À historiadora **Vera Regina Biscaia Vianna Baptista** de Curitiba, Paraná, o livro **Ruínas de São Francisco: dois séculos de história e mito**, publicado com o apoio da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Paraná e patrocínio da Siemens Ltda., do Banco do Brasil S.A., e da Companhia de Informática do Paraná – Celepar;

À **Fundação Vitae - Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social**, a coleção de cinco cadernos de **Museologia: Roteiros**

## CEIB

Presidente de Honra: Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira

Presidente: Beatriz Coelho

Vice-presidente: Marco Elizio de Paiva

1ª Secretária: Ieda Faria Hadad Viana

2ª Secretária: Moema Nascimento Queiroz

1º Tesoureiro: Mário Anacleto Sousa Júnior

2ª Tesoureira: Carolina M. Proença Nardi

Estagiária: Aline Justino Viana

## ENDEREÇO

### CEIB/EBA/UFGM

Av. Antônio Carlos, 6.627

CEP: 30.270-010

Belo Horizonte, MG

[ceib@ceib.org.br](mailto:ceib@ceib.org.br)

[www.ceib.org.br](http://www.ceib.org.br)

## BOLETIM

ISSN 1806-2237

Projeto gráfico, arte e editoração:

Beatriz Coelho e Helena David

Tiragem: 300 exemplares

Periodicidade: quadrimestral

*Os artigos assinados são de responsabilidade do autor e não refletem necessariamente a opinião do BOLETIM DO CEIB.*

*É permitida a reprodução de fotos ou artigos desde que citada a fonte.*

**Práticos**, publicados originalmente em inglês, sob o título: **Benchmarks in Collections care for Museums, Archives and libraries: A self-assessment Checklist**, traduzidos para o português e publicados pela Vitae e pela Editora da Universidade de São Paulo (Edusp). Nº 1 – Plano Diretor; 2 – Planejamento de Exposições; 3 – Educação em Museus; 4 – Segurança de Museus; 5 – Parâmetros para a Conservação de;

A **Maria de los Angeles Fanta**, presidente da Associação Paulista de Conservadores/Restauradores de Bens Culturais (APCR) pelo **Caderno Técnico da APCR Nº 1**, de julho de 2004;

Ao **Grupo Oficina de Restauro**, a publicação **Património Restaurado: Matriz de Santo Antônio, Santa Bárbara, Minas Gerais (1997 – 2003)**, organizado por Rosângela Reis Costa. Esta publicação foi possível graças à Associação dos Amigos de Santa Bárbara.